

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS - PATRÍCIA CORSINO ET ALL - CADERNO 5 - UNIDADE 1;

“Este paradigma da competência faz das crianças agentes sociais plenos cujo agir modifica as estruturas sociais em que se encontram, dando-lhes outros sentidos” (CASTRO, 2013, p. 18). **(Cad. 5 p. 15)**

“Nossas sociedades continuam submetidas à noção de educação das crianças como preparação para a vida produtiva. Portanto, não se pode afirmar que haja consenso sobre essa concepção de construção da própria infância pelas crianças, tampouco que ela seja aceita universalmente. Coexistem, nas sociedades contemporâneas, diferentes concepções de crianças e infâncias que se apresentam, muitas vezes, de forma contraditória nos tempos e espaços onde as crianças circulam, nos produtos e artefatos que portam e consomem, nos serviços e instituições elas direcionados. As formas como os adultos pensam as crianças, bem como as produções culturais e a educação que a elas destinam, oscilam entre paradigmas distintos e contraditórios. **(Cad. 5 p. 15)**

“Uma prática comprometida com esta visão de infância requer uma sólida formação dos profissionais que assegure o movimento necessário de deslocamento: dialogar, opor, questionar, desconfiar, desaprender, abrindo espaço para a experiência do encontro com as crianças. **(Cad. 5 p. 17)**

(...) as crianças como interlocutores que participam ativamente da cultura, estabelecendo com outros sujeitos interações efetivas. **(Cad. 5 p. 18)**

“As práticas com a linguagem oral e com a linguagem escrita a serem efetivadas na Educação Infantil, pensadas a partir dessa perspectiva, consideram as interações verbais, tanto na modalidade oral quanto na escrita, como um fenômeno social que ocorre a partir das condições concretas de vida das crianças. Significa, em outras palavras, reconhecer que as crianças se constituem como seres de linguagem, nas interações que estabelecem com o mundo. Uma prática pedagógica pautada nessa perspectiva discursiva de apropriação da linguagem verbal exige não apenas conhecer os usos que os meninos e meninas fazem da linguagem oral e da linguagem escrita, dentro e fora das instituições educativas, no seu cotidiano, mas, sobretudo, significa incorporar estes usos no planejamento didático e nas situações de aprendizagem a serem propostas.” **(Cad. 5 p. 19)**

“Assim é, por exemplo, que se brinca de roda e com quadrinhas na Educação infantil porque elas fazem parte de brincadeiras e são experiências partilhadas de cultura, não como pretexto para se observarem as rimas e aliterações. Ainda que as

crianças possam fazer relações entre dons que se repetem, porque estão atentas às palavras, observam a língua e pensam sobre ela, essas observações só fazem sentido dentro do fluxo discursivo.” **(Cad. 5 p. 20)**

“Uma prática pedagógica é uma prática social realizada entre sujeitos, construir-se na e com a linguagem em todas as suas formas verbais, não verbais, multimodais: palavras, contrapalavras, ditos, presumidos, silêncios imagens, gestos e expressões. A partir das escutas, os interlocutores-professoras e crianças - organizam respostas possíveis, conforme as condições que cada contexto enunciativo dispõe e possibilita. **(Cad. 5 p. 20)**

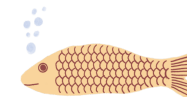
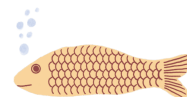
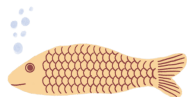
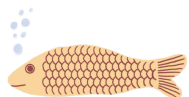
“A palavra “leitura” tem muitos significados e é usada para designar várias ações, algumas muito diferentes entre si. A amplitude do significado atribuído ao termo se estende da leitura de mundo, passando à leitura de diferentes linguagens e chegando à leitura dos textos escritos de diferentes extensões e complexidades. A ampliação do conceito se explica pelo que perpassa as leituras: a produção de sentido, a interpretação dada pelo sujeito frente ao que é dado a ler. **(Cad. 5 p. 21)**

“Experiência entendida na sua dimensão formativa, não como acúmulo ou experimento previsível, mas como abertura ao inédito, como sentido que é produzido nas interações e que ganha uma temporalidade que se estende para além do imediatamente vivido. Como aponta Benjamin (1993), a experiência pode ser narrada, e a narrativa é uma importante forma de intercambiar experiências e de criar elos de coletividade. As experiências das crianças se ampliam no fazer, agir e interagir nos três campos da cultura humana - ciência, arte e vida-, que, como já vimos, precisam ser integrados internamente numa unidade de sentido, o que se faz com brincadeiras, histórias, poemas, cantigas, danças, imagens, desenhos, fotografias, filmes etc. que apresentam o mundo ficcional ou não ficcional. **(Cad. 5 p. 22)**

“Na perspectiva de leitura de mundo, a Educação infantil tem importantes funções: ampliar as experiências das crianças; dar oportunidade para elas narrarem o vivido, o observado, o sentido, o imaginado; criar um coletivo de ouvintes capazes de continuar a história uns dos outros; buscar diferentes formas de registrar as experiências individuais e coletivas do grupo/turma; tratar ciência, arte e vida de forma unificada, ou seja, não fragmentar esses campos da cultura humana e não estabelecer uma relação mecânica entre elas.” **(Cad. 5 p. 22)**

“A leitura de mundo que se espera que a Educação Infantil ofereça às crianças é uma ampliação das suas referências culturais de tal maneira que sejam capazes de dar continuidade com a leitura da palavra e de outras linguagens.” **(Cad. 5 p. 22)**

“Para Roger Chartier (1990), a leitura comporta muitas práticas e os textos vários



usos. Assim, podemos dizer que existem diferenças entre: uma leitura em voz alta - para si ou para os outros - e uma leitura em silêncio; uma leitura privada e uma pública; uma leitura sacralizada - em que os textos são lidos com verdades incontestáveis - e uma laicizada ou dessacralizada; uma leitura intensiva - que implica ler e reler várias vezes o mesmo texto - e uma extensiva - que abrange muitos textos. frente ao mesmo texto, o leitor pode fazer diferentes usos, conforme suas finalidades e seus interesses, e construir diferentes sentidos. (Cad. 5 p. 24)

“Na literatura infantil (e na literatura em geral), ética e estética se articulam, e se apresentam no texto verbal, no visual e na própria materialidade do objeto livro. Ideias, ações, sonoridade, palavras, imagens se juntam para trazer não só os possíveis, como também os impossíveis, inusitados e surpreendentes. A literatura organiza pela escrita e desorganiza pela leitura quando nos desloca do lugar onde estamos, quando nos emociona, faz rir ou chorar. (Cad. 5 p. 26)

“As crianças conhecem alguns usos e convenções da escrita e produz textos oralmente com esses conhecimentos linguísticos. pode ser convidada a ler e a escrever sem ainda ter o domínio da leitura, pode interpretar os sinais gráficos, observar as inúmeras possibilidades de combinações das letras, antecipar sentidos, refletir sobre a língua escrita, levantar hipóteses sobre ela, observar os textos que estão à sua volta e descobrir possibilidades de relações.” (Cad. 5 p. 29)

(...) o melhor método é aquele em que as crianças não aprendem a ler e a escrever mas, sim, descubram essa habilidade durante a situação de brincar. Para isso é necessário que as letras se tornem elementos da vida das crianças, da mesma maneira como, por exemplo, a fala. Da mesma forma que as crianças aprendem a falar, elas podem muito bem aprender a ler e escrever.” (Cad. 5 p. 29)

“Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) analisam a importância que a aprendizagem da escrita do próprio nome tem para o processo de aprendizagem das crianças. Como a escrita do próprio nome, as crianças começam a perceber que ele é sempre escrito com as mesmas letras e que elas seguem uma sequência. Começam também a compreender a constância da escrita por meio de palavras estáveis. (Cad. 5 p. 32)

AS CRIANÇAS E AS PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA - ANA TEBEROSKY E ANGÉLICA SEPÚLVEDA - CADERNO 5 - UNIDADE 2

“É na linguagem que as crianças desenvolvem sua experiência vital, que dão sentido ao seu entorno e a si próprias. Devido a isso, alguns especialistas enfatizam que o desenvolvimento da linguagem não é apenas mais um aspecto do desenvolvimento infantil e o consideram como a própria base da aprendizagem (HALLIDAY, 1993)” (Cad. 5 p. 61)

“Os textos são uma unidade de linguagem privilegiada, são uma construção de construções (TEBEROSKY, 2007). Neles é possível encontrar a diversidade das formas de organização da linguagem para expressar significados. Assim, a exposição à compreensão e expressão de linguagem em torno de textos escritos expõe as crianças não apenas a palavras e orações, mas também ao modo como se usa a linguagem de forma elaborada para descrever, explicar, exemplificar, definir, comparar, citar, comentar, debater, contrapor e narrar, entre outras coisas”. (Cad. 5 p. 62)

“As crianças aprendem linguagem a partir da linguagem que escutam, ou seja, das palavras, expressões e formas de comunicação usadas pelos seus interlocutores. Por isso, afirma-se que os adultos fazem parte do processo de aprendizagem da linguagem. (TEBE - ROSKY; JACQUE, 2014)”. (Cad. 5 p. 63)

“Algumas posições atuais sobre a aprendizagem da linguagem explicam que as estruturas (sonoras, lexicais, de combinação de palavras, de formulação de discurso) surgem a partir de seu uso (TOMASELLO, 2003). Isso quer dizer que é por meio do uso da linguagem, e não pela mera exposição à linguagem, que as crianças constroem seus repertórios e suas formas de comunicação”. (Cad. 5 p. 63)

“Há décadas, os estudiosos do desenvolvimento da linguagem apontam que adultos com estilos colaborativos que estabelecem diálogos com crianças promovem o desenvolvimento linguístico infantil (WELLS, 1985). São adultos que tendem a dar sentido e significado às expressões infantis, que lhes oferecem um maior número de oportunidades para falar e, desse modo, mais possibilidades para o desenvolvimento de linguagem expressiva”. (Cad. 5 p. 64)

“Adultos responsivos são aqueles sensíveis às necessidades de compreensão e expressão das crianças, que prestam atenção ao que elas dizem - ao conteúdo e a forma daquilo que dizem - e lhes respondem sintonizando a sua expressão com a delas, falando sobre o que as crianças falam. Para que isso seja possível é necessário que o adulto seja sensível e compartilhe o foco de atenção e de interesse da criança. (Cad. 5 p. 64)”

“Lemos para crianças pequenas para que, antes que sejam leitoras autônomas, elas possam desfrutar dos textos e das recompensas afetivas e cognitivas que sua leitura lhes oferece (MEEK, 1988; COLOMER, 2007). A partir da perspectiva do desenvolvimento da linguagem, também lemos para as crianças para que elas possam ter acesso às diferentes formas de linguagem e aos conteúdos que os textos escritos representam. (Cad. 5 p. 65)